

EDITORIAL

Um dos desafios que a História Antiga impõe ao pesquisador é refletir sobre as diversas modalidades de produção de discursos, relacionando-os às concepções de tempo e de história próprias de cada sociedade. Nesse sentido, abrange o estudo das narrativas míticas e históricas, as quais têm por objetivo estabelecer uma determinada ordem para os acontecimentos divinos e/ou humanos segundo uma lógica discursiva própria, o que nos remete ao estudo do modo pelo qual as sociedades concebem a relação entre o passado, o presente e o futuro. Abarca também as discussões em torno da produção da memória, memória esta que ocupa um papel significativo no contexto social. É nessa perspectiva historiográfica que se situam dois artigos que compõem o presente número da *Phoînix*: o de María Cecilia Colombani, que nos apresenta uma chave interpretativa para a narrativa mítica hesiódica na construção da ordem cósmica; e o de Maria de Fátima Silva, que desvela os sentidos simbólicos da narrativa histórica herodotiana a partir dos conceitos morais ou filosóficos vigentes, que visavam dar inteligibilidade à configuração de forças que caracterizava o mundo então conhecido.

O artigo de Alexandre Moraes, ao buscar compreender as práticas políticas dos antigos helenos através da poesia homérica, acaba por enfatizar a natureza política das formas de discursividade. A preocupação com a incidência dos discursos na vida social também é o cerne do artigo de Maria Regina Candido, quando aborda a religiosidade. Assim, os discursos sobre as práticas mágicas e os ritos da religião oficial serviram como estratégias, projetos de consenso (senso comum), produção e legitimação de determinados saberes e, concomitantemente, a exclusão, depreciação e marginalização de outros. Foram observados tanto os feixes de ativação e modos de assentimento/assimilação quanto as diversas formas de resistência, re-produção, sublevação, subversão, ou seja, as diversas maneiras pelas quais aqueles que “sofrem” a intervenção das práticas discursivas de fato as interpretam, reinterpretam, desviam e fazem circular.

É também no campo da religiosidade e das crenças que se inserem os artigos de Ana Livia Vieira e Regina Bustamante. Entretanto, as autoras desenvolveram um viés mais culturalista, privilegiando o imaginário, seja no tocante ao mar ou à sexualidade, a partir da análise de documentação escrita e material. Tal perspectiva pressupõe que os discursos produzidos numa sociedade organizam-se em redes discursivas, seja qual for a forma da narrativa. Escrita e imagem são consideradas como produtos histórico-culturais e entendidas como textos (narrativas), daí resultando a necessidade de se dar atenção à tessitura textual, quer quanto ao uso da linguagem verbal quer quanto aos outros sistemas semióticos, como as imagens trabalhadas nos dois artigos, contidas em suporte cerâmico ou musivo. Na superfície dos textos escritos e imagéticos, as pesquisadoras procuraram encontrar pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos, que foram interpretadas de acordo com o seu ângulo de observação. Consideraram os textos (narrativas) como dependentes do contexto sócio-histórico, sendo suas inferências e pressuposições compartilhadas socialmente pelos participantes do evento comunicacional (autores e receptores). Esse intertexto consensual assim como as regras formais contribuíram para sustentar, de modo direto ou indireto, as relações de poder desiguais relativas às diferenças sociais entre os participantes do evento comunicacional. A relação entre os textos e a tríade sociedade-história-cultura foi pensada nos artigos, tendo em foco um sistema complexo. Sendo a produção, a circulação e o consumo dos textos vinculados a forças socioculturais, os textos também constituíram a sociedade e a cultura, de modo que podiam ser tanto reprodutivos quanto transformativos, e as análises não puderam separá-los sem considerar a sua complexidade.

O número de variáveis em jogo, em qualquer fenômeno social, é grande, complexo: nada é mecânico, previsível ou determinante em última instância. A mediação para operar com a complexidade dos fenômenos sociais é feita pelas práticas discursivas – as práticas sociais de produção de textos. Essas práticas sociais, ainda que dotadas de alguma inércia, não são imutáveis: surgiram, reproduziram-se ou desapareceram segundo uma dialética da estabilidade e da mudança. Justamente o artigo de Tereza Virgínia Barbosa, ao discutir questões de tradução, gênero literário e história com o intuito de tentar mostrar a força da tradução para o estabelecimento do que se convencionou chamar gênero trágico, trata dessa dialética da estabilidade e da mudança.

Por fim, a revista **Phoînix** – sendo um periódico voltado para o estudo da Antiguidade – e seus Editores não poderiam deixar de lamentar a incúria do governo italiano na preservação dos bens culturais daquele país, que acarretou, no início de novembro de 2010, o desabamento da “Casa dos Gladiadores” (*Schola Armaturarum Iuventus Pompeiani*), uma construção de 2 mil anos de idade da antiga Pompeia. Preservada no tempo pela ação da natureza através da erupção do Monte Vesúvio, a cidade de Pompeia não está resistindo à falta de manutenção advinda da drástica política de cortes de verbas imposta à área cultural pelo governo neoliberal italiano: é a memória sendo criminosamente destruída pela inação humana.

Os Editores